HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

MAPA MENTAL: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA INCLUSIVA

MENTAL MAP: A POSSIBLE APPROACH TO INCLUSIVE MATHEMATICS EDUCATION

Ronaldo Gobbis DOLIVAL[1]
Maristela da SILVA[2]
Nilce Léa Lobato CRISTOVÃO[3]
Rômulo Pereira NASCIMENTO[4]

Resumo: o artigo resulta uma investigação parcial sobre práticas pedagógicas inclusivas, com a proposta de contribuir para o letramento matemático dos alunos com deficiência intelectual, dificuldades de aprendizagens e comportamentos desviantes. Iniciamos com um levantamento bibliográfico sobre as práticas inclusivas utilizadas para o ensino de matemática. O objetivo geral consistiu em investigar junto aos educadores e corpo diretivo, procedimentos iniciais para a elaboração de atividades pedagógicas no processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual e dificuldades de aprendizagens. Obtivemos resultados satisfatórios mesmo com interferências do cotidiano da aula e as dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos com deficiência intelectual. Há indícios que a prática possibilite trabalhar com multidisciplinaridade.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Matemática inclusiva. Deficiência intelectual.

Abstract: the article results in a partial investigation on inclusive pedagogical practices, with the proposal of contributing to the mathematical literacy of students with intellectual disabilities, learning difficulties and deviant behavior. We started with a bibliographical survey about the inclusive practices used for the teaching of mathematics. The general objective was to investigate with educators and governing body, initial procedures for the elaboration of pedagogical activities in the process of inclusion of students with intellectual disabilities and learning difficulties. We obtained satisfactory results even with interferences of the daily of the class and the difficulties of learning presented by the students with intellectual deficiency. There are indications that the practice makes possible to work with multidisciplinarity.

Keywords: Pedagogical practices. Inclusive mathematics. Intellectual disability.

[1] Neuropsicólogo pela Faculdade Metropolitanas Unidas. Psicólogo e licenciando em Pedagogia Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). E-mail: gobbispsicologo@gmail.com
[2] Licencianda em Pedagogia UNICSUL. E-mail: maristela.ss@terra.com.br
[3] Professora do curso de Pedagogia da UNICSUL. Mestre em Políticas Sociais pela mesma instituição. E-mail: nilce.lobato@hotmail.com
[4] Professor titular da UNICSUL. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: romulo.nascimento@uol.com.br

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Introdução

Este trabalho faz parte de uma prática pedagógica em educação inclusiva como proposta de letramento matemático na busca de possibilitar aos alunos com deficiência intelectual um conhecimento mais amplo que vai além da decodificação e codificação dos objetos matemáticos. Nesse processo procuramos elaborar uma atividade que seja diferenciada por si só, sem a necessidade de adaptações complexas para distintas deficiências intelectuais. Assim, todos os alunos de uma classe receberiam a mesma aula da mesma forma de aplicação.

Com essa nova perspectiva para trabalhar os alunos no ensino em reconhecer a existência de múltiplas diferenças, exigem-se novas abordagens pedagógicas que direcione o ensino à necessidade dos alunos, segundo Marcondes (2005), o aprimoramento constante do docente, e as dificuldades de adaptação à proposta educacional da escola inclusiva parecem produzir uma intensa mobilização no professor.

Ao Pensar nessa necessidade, procuramos com a nossa pesquisa e trabalho, a possibilidade de também trazer o processo de inclusão para os professores, pois entendemos que toda essa nova realidade na escolarização nos incita a acreditar e viver esse processo como universal, isto é, todos dentro da escola, alunos, funcionários, docentes, direção devem estar inclusos, sentir e viver a inclusão social sem distinções, porém também nos preocupamos com o que o professor pode passar a viver com essa nova realidade, nas palavras dos autores:

> As condições de exercício da docência, principalmente nas escolas públicas, podem reverberar em problemas à saúde mental do professor, desencadeando o aparecimento de sintomas relacionados ao sofrimento psíquico (CODO; MENEZES, 1999, p. 238).

Entendemos, dessa forma, que o sucesso do processo de inclusão está relacionado ao exercício da docência, uma prática pedagógica que objetiva também conhecer os sentimentos de prazer e amenizar o sofrimento dos professores.

A prática pedagógica sugerida pelo nosso trabalho além de contemplar a coordenação, direção e professores, ao mesmo tempo procura satisfazer as necessidades básicas do aprendizado tanto do estudante deficiente intelectual quanto do aluno sem deficiências. A prática proposta parte dos princípios do mapa mental. Segundo Buzan (1996), o criador desta

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

técnica conhecida como *Mind Map´s*, são ferramentas de pensamento que permitem refletir exteriormente o que se passa na mente.

Justificativa

Por meio de uma ação conjunta, entre sistema regular de ensino e educação especializada, o Ministério da Educação (MEC) sugere Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, diversas possibilidades de interação entre a escola comum e a escola especial (BRASIL, 2001). Segundo o MEC, esses serviços devem ocorrer no espaço da escola regular e são de três tipos:

> 1º Nas classes comuns: o planejamento seria realizado pelo professor da classe comum em conjunto com o professor especializado – da Instituição Especial – visando garantir a inclusão da criança; 2º Nas salas de recursos: processo de aprendizagem realizado na sala de recursos ou em outro espaço da escola que não a sala de aula, com o professor especializado. O aluno deve frequentar esse local em horário que não coincida com o seu período em sala de aula; 3º Itinerância: visitas sistemáticas do professor especializado à escola, com a finalidade de apoiar e orientar o professor da classe comum nas dificuldades que estejam na prática inclusiva (BRASIL, 2001, p. 67).

Com base nessas diretrizes, diz Ferreira:

> Não basta que haja numa escola a proposta de inclusão, arquitetura adequada. Estes são fatores favoráveis, mas não fundamentais. Ele igualmente terá que acreditar e se ver em processo de inclusão permanente, criar, recriar oportunidades de convivência, provocar desafios de interação e aproximação, contatos com os diversos saberes, planejar de forma flexível, objetiva, a busca do semelhante e de que ninguém detém um saber, favorecer a troca, a parceria e a segurança da inclusão (FERREIRA, 1998, p. 10).

Assim o papel do professor passa a proporcionar ao aluno trocas com o meio, valorizar a sua autonomia e independência. Estimular as crianças para que participem dos momentos de compartilhamento e troca dos conhecimentos, sociais, afetivos e cognitivos. Dessa forma, o professor assume o papel de mediador entre a criança e o mundo.

A formação docente não pode restringir-se à participação em cursos eventuais, mas sim abranger programas de capacitação, supervisão e avaliação que sejam realizados de forma integrada e permanente. "A formação implica um processo contínuo, o qual precisa ir além da

presença de professores em cursos que visem mudar sua ação no processo ensino-aprendizagem" (SADALLA, 1997, p. 33).

É importante ressaltar que: "Esse aprimoramento constante e as dificuldades de adaptação à proposta educacional da escola inclusiva parecem produzir uma intensa mobilização no professor" (MARCONDES, 2005, p. 141). Assim, a mobilização a qual passa o professor aferir suas competências e habilidades traz a necessidade de transformar a prática pedagógica em um novo paradigma educacional.

O professor afere-se também às distintas deficiências encontradas em classe. Porém, segundo MEC (1996), a deficiência intelectual não é uma doença ou transtorno psiquiátrico, e sim, o prejuízo das funções cognitivas que prejudicam o desenvolvimento cerebral, mental. Assim, conceito concebido, passamos a entender um ponto em comum às deficiências intelectuais, que todos são capazes de aprender, e a imagem, figura seria o canal de ligação mais eficiente a esse processo (MORAN – MEC, 2018). Podemos compreender que: "o cérebro humano processa a informação visual 60.000 vezes mais rápido do que a informação textual" (SEMETEKO; SCAMMEL, 2012, p. 47).

Junto a essas habilidades inerentes ao funcionamento do cérebro humano, cognições e mente, colocamos em justaposição cores primárias, quentes e de destaque, em um fundo preto para que a palavra chave escrita em branco, sobressaia a qualquer tipo de iluminação conjuntamente às imagens em relevo. Assim, a atenção se dá de forma automática e sem muito esforço (FUENTES, 2014, p. 115).

Dessa forma, acreditamos alcançar os objetivos em pauta nesse projeto por meio da política de inclusão, conceito esse que toma proporções universais, em comportamentos, convivência, direitos, deveres, afetividade, cultura, sociedade e cidadania. Assim justificamos os objetivos desse projeto em atender as necessidades da realidade escolar a que hoje foi-nos exposta. Realidade esta, em que estar incluído, é estar presente e participante na sociedade. Acreditamos que amenizar o sofrimento psíquico do professor nessa tarefa, e promover a igualdade de oportunidades a todos os alunos, é o primeiro passo para adentrar à inclusão. A prática pedagógica apurada, analisada e escolhida para exercer esse direito de estar incluso, a utilização dos conceitos de mapa mental, pode atender aos preceitos de Vygotsky (1998), Zona de Desenvolvimento Proximal, e os de Paulo Freire (1996), Pedagogia da Autonomia.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Autonomia essa que tanto mediamos aos estudantes para que exerçam seus direitos de liberdade, individualidade, pensamento, conhecimento e aprendizagem.

Funcionamento e mecanismos do mapa mental

Nesse processo de construção apresentamos a descoberta de Buzan (1996), as quatro características fundamentais para que o mapa mental funcione bem na aprendizagem. Todas elas têm a ver com questão do funcionamento da memória e estão presentes no material:

1 – Cores - A memória necessita elementos visuais, então, se você usa coisas coloridas no seu mapa mental, as cores vão fortalecer a sua memória visual. Por exemplo: quando se fala "maçã", você automaticamente imagina uma maça vermelha. Assim, as cores servem para não deixar o seu cérebro em devaneios, além de te ajudar a fortalecer a memória daquela informação por meio da visão e da imaginação;

2 – Elemento central - O nosso cérebro não funciona de maneira linear: Por isso, a "forma tradicional" de escrever (uma linha embaixo da outra e sempre com a mesma cor de caneta) é a pior maneira possível para você raciocinar sobre alguma coisa. O mapa mental, por sua vez, funciona a partir de um elemento central que irradia do centro em direção às bordas, de forma que você possa respeitar a forma de funcionamento natural do seu cérebro;

3 – Desenho - Ter desenhos e símbolos visuais para melhorar a aprendizagem. A memória em prevalência de elementos visuais, assim apreende-se e aprende-se mais fazendo associações com os símbolos e o conceito que eles representam;

4 – Palavras-chaves - Em cada ramo do mapa mental, deve ter uma palavra-chave. Isso leva a dois benefícios fundamentais:

4.a. Estimula o seu raciocínio, pois você tem que raciocinar para descobrir qual é a palavra-chave mais adequada para colocar no mapa, além de precisar decidir onde você vai posicioná-la;

4.b. Quando você raciocina sobre alguma coisa, você tem mais chances de que essa coisa seja enviada para a memória de longo prazo. Você raciocina na memória de trabalho (memória de curto prazo que permite o armazenamento temporário de informação), mas quando esse raciocínio acontece de forma mais consistente, a informação é entendida pelo cérebro como algo importante e tem mais chances de chegar até a memória de longo prazo.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Um mapa mental é uma representação livre de pensamentos que se ramificam a partir de um conceito central. A organização visual do diagrama promove o *brainstorming*, isto é, tempestade de ideias, a tomada eficiente de notas, maior retenção de conceitos e uma apresentação impactante. Mapas mentais variam de simples a elaborados, e podem ser desenhados à mão ou no computador. Dependendo do seu objetivo e tempo, o mapa mental pode incluir elementos intencionais e artísticos, como fotos, desenhos, linhas curvas de espessura variável e diversas cores.

Diversos estudos apontam que mapas mentais podem promover uma melhor retenção de ideias e relações, dado o impacto visual do diagrama. Buzan (2009) diz que a retenção aumenta ainda mais por meio do uso de imagens, linhas curvas, cores propositais e poucas palavras.

Objetivos

Nossos objetivos partem, a princípio, de investigações junto aos educadores e corpo diretivo, encontrarmos possíveis procedimentos iniciais para elaboração de atividades pedagógicas no processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual. Por meio dessas atividades, desenvolver ferramentas para facilitar o reconhecimento das habilidades da criança com deficiência intelectual, e assim capacitar os educandos para a reprodução e produção de conhecimentos, dessa forma, amenizar possíveis sofrimentos psíquicos dos educadores diante das práticas pedagógicas utilizadas na educação inclusiva.

Metodologia

Esta pesquisa faz parte do Grupo de Pesquisa: Práticas Pedagógicas em Rede na Formação de Professores, onde estamos pesquisando e criando juntamente com o grupo de professores e alunos as práticas docentes inclusivas. Esse grupo tem como objetivo principal a formação de professores, e a efetivação da profissão docente baseada na ação e na prática educativa. Baseado nos textos da Disciplina de Práticas de Ensino dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, elaboramos por sistemas de mapas mentais, uma abordagem possível para o ensino de matemática inclusiva.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Por meio de imagens mostraremos as etapas da construção desse sistema que utilizamos para uma Prática Pedagógica inclusiva universal. O sentido da palavra universal aqui empregada detém o significado de ser "um universo que contém a realidade resultante do produto de uma comunidade plural de pessoas e suas culturas, costumes, valores, diferenças, diversidades". Dentre elas, na educação infantil e de ensino fundamental dos anos iniciais, diversidades em dificuldades de aprendizagem, problemas de aprendizagem, deficiência intelectual, comportamentos desviantes, alunos com níveis de aprendizagens satisfatórios e profissionais da educação das unidades escolares. Uma prática que procura atender múltiplas diversidades com o mínimo de adaptações, para promover o ensino e aprendizagem a todos os alunos em um mesmo momento na sua aplicabilidade, a constituir assim, um universo de diversidades inclusas ao aprender e adquirir conhecimento no mesmo tempo em que pode diminuir o mal estar docente diante da inclusão.

Sua confecção são dez placas de acetato vinilo de etileno (E.V.A.) de cor preta de oito milímetros de espessura, sessenta centímetros de comprimento e vinte e cinco centímetros de largura. E.V.A. colorido, quatro cores, azul, amarelo, vermelho e verde de um milímetro de espessura para a confecção das figuras. E.V.A. de cor branca de dois milímetros de espessura para a confecção das letras. E.V.A. de cor amarela de dois milímetros para as bordas das placas pretas. E.V.A. marrom e laranja de dois milímetros para decoração das figuras.

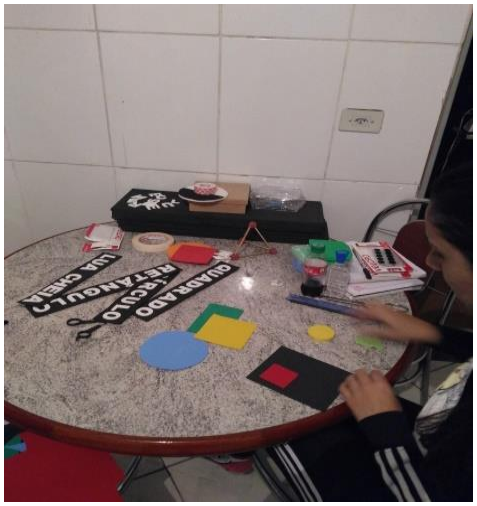
1º Passo:

Construção do mapa mental, para que fosse aplicado em todos os tipos e lousas, fundo preto, para destaque de Uma Palavra-Chave e Figura Colorida.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540



Fonte: Elaborada pelos autores.



Fonte: Elaborada pelos autores.



Fonte: Elaborada pelos autores.



Fonte: Elaborada pelos autores.

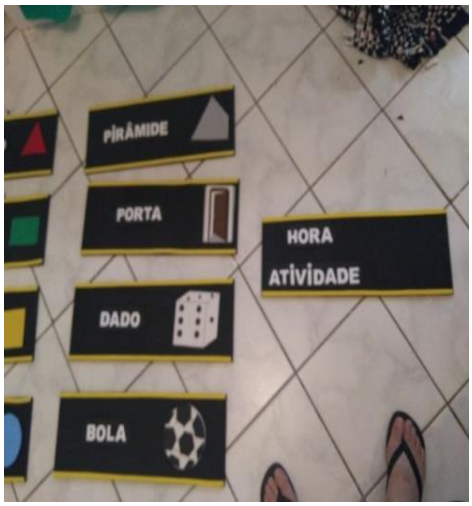
2º Passo:

Elaboração do tema e das palavras-chaves, todo o material, figuras, palavras chaves são fixadas com Velcro ou Fita Adesiva, para a possibilidade de trocar as palavras chaves e as figuras sem que se retirem as placas que configuram o mapa mental, por sua vez mantido preso na lousa por fitas adesivas comuns.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540



Fonte: Elaborada pelos autores.



Fonte: Elaborada pelos autores.

3º Passo: Quadro

CRONOGRAMA		
Data	**Ações/Atividades**	**Objetivos**
Primeira semana	Perfil: Grupos de crianças- Com idade entre 7 à 8 anos Explanação da atividade aos alunos; Prática pedagógica com figuras Geométricas; Atividade para a avaliação	Estabelecer o enquadre, acolhimento, apresentar a proposta do P.P.R.; Promover o conhecimento e integração do grupo; Relacionar objetos do mundo físico com figuras geométricas; Reconhecer, nomear e representar as figuras planas, quadrado, retângulo, círculo e triângulo; Representar figuras geométricas por meio de recorte, modelagens, pinturas e montagens; Relacionar formas bidimensionais com formas tridimensionais: Quadrados/Cubos; Triângulos/pirâmides; Círculos/Esferas; Retângulos/Paralelepípedos.
Segunda semana	Perfil: Grupos de crianças- Com idade entre 7 à 8 anos Explanação da atividade aos alunos; Prática pedagógica com figuras Geométricas; Atividade para a avaliação.	Estabelecer o enquadre, acolhimento, apresentar a proposta do P.P.R.; Promover o conhecimento e integração do grupo; Relacionar objetos do mundo físico com figuras geométricas; Reconhecer, nomear e representar as figuras planas, quadrado, retângulo, círculo e triângulo; Representar figuras geométricas por meio de recorte, modelagens, pinturas e montagens; Relacionar formas bidimensionais com formas tridimensionais: Quadrados/Cubos; Triângulos/pirâmides; Círculos/Esferas; Retângulos/Paralelepípedos.

Terceira semana	Perfil: Grupos de crianças- Com idade entre 7 à 8 anos Explanação da atividade aos alunos; Prática pedagógica com figuras Geométricas; Atividade para a avaliação.	Estabelecer o enquadre, acolhimento, apresentar a proposta do P.P.R.; Promover o conhecimento e integração do grupo; Relacionar objetos do mundo físico com figuras geométricas; Reconhecer, nomear e representar as figuras planas, quadrado, retângulo, círculo e triângulo; Representar figuras geométricas por meio de recorte, modelagens, pinturas e montagens; Relacionar formas bidimensionais com formas tridimensionais: Quadrados/Cubos; Triângulos/pirâmides; Círculos/Esferas; Retângulos/Paralelepípedos.
Quarta semana	Finalização Roda da conversa; Avaliação.	Investigar aprendizagem e compreensão dos conteúdos e a sua associabilidade ao cotidiano das crianças.

Fonte: Elaborada pelos autores.

4º Passo: Em classe

Consiste na aplicação da prática pedagógica, escolha do tema e desenvolvimento em classe. As crianças pertencem a uma região da zona leste, entre elas, existem três (03) crianças com deficiência intelectual. Uma criança com deficiência intelectual não definida, e duas com autismos distintos.

O tema escolhido foi dentro do letramento da matemática com a matéria de figuras geométricas, por abranger a realidade das crianças na vida social com a convivência dessas figuras junto ao seu cotidiano. Objetivo de identificar essas figuras na realidade de cada criança, com deficiências ou não, de uma forma de aplicação única para todos os alunos.

Introdução e explicação com interatividade, segundo Vygotsky – Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):

> Distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver tarefas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por desempenhos possíveis, com ajuda de adultos ou de colegas mais avançados ou mais experientes (VYGOTSKY, 1920, p. 36).

E o que diz Paulo Freire, em seu livro Pedagogia da Autonomia: “Necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e

histórico, e da compreensão de que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (FREIRE, 1996, p. 15).

As crianças têm seus conhecimentos prévios adquiridos no seu convívio social, e família não pode ser desconsiderada, porque faz parte do processo de aprendizagem da criança.

5º Passo: Hora da atividade

Como avaliação, utilizamos atividades após a prática pedagógica. Nesse momento distribuímos três palitos de churrasco cortados e pintados com as cores das figuras que constavam no mapa mental, para cada aluno. Em seguida colocamos uma barra de massa de modelar em cada carteira e pedimos para que fizessem três bolinhas, e assim construíssem uma figura que constava no mapa mental. Eles decidiram fazer o que dava para ser feito com três palitos e três bolinhas de massa de modelar, que foi a figura do triângulo.

Resultados e Considerações Finais

Da interação na verificação dos resultados fica difícil localizar as três crianças com deficiências intelectuais junto aos outros, esse processo mostrou que a inclusão se fez naturalmente entre as crianças.

As expectativas foram satisfatórias dentro dos propósitos a que nos aplicamos como Prática Pedagógica Inclusiva. Acreditamos que as dificuldades inerentes ao trabalho exercido por um professor nessa era da inclusão, podem ser que sejam amenizados a partir dos conceitos de mapas mentais, por constar ideias centrais e palavras-chaves, pois ao aplicarmos a prática pedagógica, ciente de três alunos com deficiência intelectual e os alunos no total de trinta e quatro entre sete e oito anos de idade, quando do enunciado e colocado as placas, figuras e as cores, a atenção das crianças voltaram-se à lousa. Pudemos conduzir a atividade de forma didática com a participação efetiva das crianças. Paulatina e de forma participativa, vieram adquirir o conhecimento junto à matéria, e as crianças com deficiência intelectual também participaram sem dispersão em classe. Ao aplicar a atividade, as crianças tomaram a iniciativa de ajudar umas às outras por elas mesmas. Sentiram-se participantes da aula e do contexto, e

mostraram terem entendido o conteúdo apresentado e o reproduziram por meio de uma atividade manual.

Podemos dizer que, dessa forma o trabalho obteve resultados satisfatórios. Sabemos que nem sempre serão assim os comportamentos e a apreensão do conhecimento, mas acreditamos que o controle de situações inusitadas, acometidas por comportamentos de indisciplina, por dificuldade de aprendizagem e por especificidade inerente ao aluno com deficiência intelectual, pode ser apropriado pelo professor sem muitas intercorrências, assim pode ser que seja amenizado um possível mal estar docente no letramento de matemática inclusiva dos alunos com deficiência intelectual, problemas de aprendizagem e confluentes.

Esse sistema pode nos trazer a oportunidade de trabalhar com multidisciplinaridade e não seriam precisas as placas de E.V.A. pretas, se a lousa for de cor escura, negra. Faz-se com giz e as figuras apenas seriam anexadas ao quadro negro.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *Diretrizes Nacionais da Educação Especial, na Educação Básica.* Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *Resolução Conselho Nacional de Educação e Conselho de Educação Básica, nº 2*. Brasília, 2001.

BRASIL. Secretaria do Ministério à Educação. *Legislação Federal Brasileira e a educação de alunos com deficiência.* Disponível em <http://diversa.org.br/artigos/a-legislacao-federal-brasileira-e-a-educacao-de-alunos-com-deficiencia/> Acesso em: jun. de 2018.

BUZAN, T. *Mapas Mentais.* Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2009.

BUZAN, T.; BUZAN, B. *The Mind Map.* Editora Plume Books. Londres: Edição Reprint, 1996.

CODO, W.; MENEZES, I. M. *O que é burnout ?* Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 999.

FERREIRA, J. R. *A nova LDB e as necessidades educativas especiais*. Campinas: UNICAMP, 1998.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: EGA, 1996.

MALLOY-DINIZ, L. F.; PAULA, J. J. de; SEDÓ, M.; FUENTES, D.; LEITE, W. B. Neuropsicologia das funções executivas e da atenção. In: FUENTES, D.; MALLOY-DINIZ, L. F.; CAMARGO, C. H. P.; COSENZA, R. M. (Orgs). *Neuropsicologia* - Teoria e Prática. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARCONDES, M. A. S. Educação Comparada: perspectivas teóricas e investigações. *EccoS – Revista científica*, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2005.

MORAN, J. M. *Mudar a forma de ensinar com a Internet*. Disponível em: <http://www.proinfo.mec.gov.br> Acesso em: abr. de 2018.

MEC. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Especial. *Catálogo de Publicações*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/>. Acesso em: abr. de 2018.

SADALLA, A. M. *Com a palavra a professora: suas crenças, suas ações.* Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

SEMETKO, H. SCAMMELL, M. *The SAGE handbook of political communication*. Londres: SAGE, 2012.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Enviado:02/08/2018
Aceito: 29/08/2018